

A ÍTACA DE RENATO REZENDE

Sérgio Nazar David
(UERJ)

Num dos poemas de abertura de *Ímpar* (Lamparina, 2005), Renato Rezende escreve: “não quero nada disso; quero o vazio/ que traga o novo”. Afinal para que “ver outra vez com os mesmos olhos/ o mil vezes visto e revisto?” É a partir do vazio, deste ponto cego e sem decifração, que se vai compor aqui uma poética muito particular. Sim, há uma força que empurra o poeta para as ruínas: “Algo me prende ainda/ à vida/ e espero que passe./ Algo me prende à vida - é o amor/ e a arte;/ e espero que logo passem.” E há ainda uma forte atração por uma suposta paz mítica que adviria do fim do desejo. Mas há também, em oposição, uma outra força. Vejamo-la, no poema “Outros dias”, no qual podemos ler: “Eu sou o melhor amigo para mim mesmo./ Os dias passam, e esse fluir, lento,/ que se espraia, e se abre, e quase pára/ é a via que vai me tirar daqui./ De vez em quando escrevo um poema.” O que o tira de “ver com os mesmos olhos” é o “fluir lento”, que, entretanto, deságua no poema.

Logo em seguida, vemos em “Águas” fortalecer-se aquela força primeira, que se diz impossível de ser abarcada pela linguagem. Aqui está o corpo que “flutua sobre as águas/ claras, que aos poucos/ entram pelo nariz, pela boca,/ sem que sequer sinta ou se mova”, desenhando-se deste modo uma falsa comunhão com a Natureza: “Nada passado pelas retinas,/ ou pelos ouvidos, degustado,/ nada escrito,/ nenhum sentido/ terá serventia.” E, mais uma vez, uma contra-corrente vem, agora ao território do amor: “Quando a música mais doce chegar,/ (...) não faça nada/ que de cor já saiba.” É com o silêncio, “que abre a porta/ para o salto”, que se quer produzir o milagre do amor. Como não lembrar-se aqui do velho Bandeira, que, com lânguida tristeza, canta “os corpos se entendem/ as almas não...”

Temos de fato um poeta que de algum modo rejeita a vida, com tudo que nos invade o corpo, e que agora não espera mais “que um dia alguém (lhe) dê a mão”. E arremata: “Estamos essencialmente sós neste mundo. Mas não tão/ sós a ponto de poder fazer de cada momento/ um momento sem qualquer desejo,/ puro e pleno.” Todo encontro é acima

de tudo um encontro com o que nos falta. E o desejo puro e pleno, o desejo de não desejar, só pode ser suposto pela via mítica. Renato toma as imperfeições, as desolações, os terremotos e tufões do corpo e da alma como quedas sem fim de máscaras que não revelam um rosto, mas sim um caminhar, ao qual não está alheio “de repente,/ no meio do *shopping*/ (...) o súbito desejo/ de ficar cego”.

Estamos diante de um livro que se vai fazendo, como um romance, como um conjunto incompleto, ou um monólogo: um corpo que busca abrir um terceira via, que só um certo fazer com a linguagem lhe pode dar, um corpo que diz “eu não sou o corpo físico”. E pergunta: “sou o ar que respiro?” Ar aqui vem como metáfora mesmo da linguagem, tocando-o com o vazio em torno do qual todo sujeito se constitui.

Renato Rezende compõe uma poética que parece apontar para uma fantasia de dissolução e/ou de combustão da linguagem (“aét/ as/ plavraas/ se/ deivlssom”), ao mesmo tempo em que nomeia uma renúncia: “adeus (...)/ a tudo que se apreende com olhos, ouvidos, tato; os sentidos. Essa é a vida que acabou (...) Isso origina uma nova vida. (...) Mas no íntimo nada é mais fixo como antes. Tudo em volta lembra a morte. (...) A vida que começa é a vida de uma máscara vazia.”

A poética de Renato Rezende se ergue sobre esta estranha inquietude: de um lado um mundo de palavras que o vento leva, de sensações para se experimentar calado; de outro uma “verdadeira vida”, a que só se poderia aceder pela renúncia.

Nos poemas finais do livro, desenha-se uma saída (não uma solução) deste impasse. Em “Outra data”, deixa cair a câmera digital, em Uttar Pradesh, dentro da privada, inacreditavelmente suja: “Precisei pensar se puxava ou não. As fotos de toda a viagem, a minha câmera... Puxei... A mão toda suja, a máquina toda suja; a luz vazando por todos os lados!” E, no melhor do livro, o antológico poema “Odysseus”, Renato recria a história de Ulisses (Odisseu, em grego). Um dos maiores e mais famosos ardis de Ulisses foi ter gizado o plano do célebre cavalo que permitiu a entrada em Tróia. Vencida a guerra, iniciou uma viagem de dez anos de volta à casa, em Ítaca. O poeta, no poema citado, também volta à casa com e para a leitura do livro, que encontra por acaso, e que narra em grego a história de Odysseus (Ulisses). É este encontro singular que o retira da rotina do trabalho e o empurra para uma caminhada aparentemente sem destino. Primeiro fora preciso estar em casa, para, com o coração sobressaltado, aceder à beleza.

Leu toda a noite e no dia seguinte reinventou o seu mundo. É por isso que o poema termina com “I’m Odysseus!” Faz lembrar o pastor amoroso que Fernando Pessoa batizou de Alberto Caeiro, que pensa que perdeu o cajado, que, entretanto, nunca teve. Foi assim que pôde escrever. Tudo bem: com enganos e ilusões também se faz poesia.

REFERÊNCIA

REZENDE, Renato. *Ímpar*. Rio de Janeiro: Lamparina, 2005.